

COSMOGONIA

ESTUDO DE MITOLOGIA COMPARADA*

*Carlos João Correia*¹
(Universidade de Lisboa)

Cosmogonia é o conceito apropriado para traduzir qualquer modelo explicativo da irrupção do cosmo. O conceito de “cosmo” indica a ordenação da realidade, designando a estrutura fundamental de como o universo está constituído num mundo. Mas não só. Cosmogonia invoca a noção de uma origem, de uma génese. Com efeito, o termo “cosmogonia” provém do grego, articulando duas palavras, “*Kosmos*” e “*Gígnomai*”. “*Kosmos*” significa precisamente “ordem” e *Gígnomai*, “tornarse, formarse”. Cosmogonia é, assim, o estudo da génese do mundo, permitindo-nos compreender por que razão existe um mundo e não o caos.

A cosmogonia faz parte da cosmologia, da ciência do cosmo, e tem nos dias de hoje uma clara vertente científica. A teoria do *Big Bang* constitui o modelo privilegiado pela física e pela astronomia, em detrimento da visão alternativa, proposta, entre outros, pelo controverso físico inglês Fred Hoyle, e que é conhecida pela *steadystead theory*², visão hoje muito desacreditada. Apesar de ser o modelo proeminente, a teoria do *Big Bang* ainda hoje suscita enormes controvérsias filosóficas, em particular sobre a raiz da singularidade gravitacional. É neste contexto que se discute a teoria

* Este ensaio foi realizado no âmbito do projecto sobre cosmologia, dirigido pela Professora Soraya Nour Sckell (Fundação Humboldt/CFUL).

1 carlosjoaocorreia@gmail.com

2 Fred Hoyle. “A New Model for the Expanding Universe”. *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, 108 (1948), 372382.

proposta pelo físico Edward Tryon segundo a qual o cosmo emergiu de uma flutuação quântica do vácuo³.

Este artigo não será, no entanto, sobre as questões científicas envolvidas sobre a origem do universo, mas, sim, sobre quais são os grandes modelos cosmogónicos de matriz cultural, modelos esses que se consubstanciaram em diferentes narrativas míticas. Será, deste modo, um estudo de mitologia comparada sobre a origem do mundo, estudo esse marcado pela preocupação de detectar princípios filosóficos que norteiam essa área do pensamento. Habitualmente os estudos de cosmogonia, no âmbito da antropologia e da mitologia comparada, não são categoriais – no sentido de busca de grandes modelos universais – e quando o são, pecam, a nosso ver, por estarem demasiado próximos das representações imagéticas que visam explicar.

O modelo, até agora, mais interessante foi proposto por Charles Long, na sua obra de 1963, *Alpha. The myths of creation*⁴. Em termos sumários, o autor sustenta que as narrativas míticas sobre a criação do mundo podem ser pensadas segundo cinco grandes conjuntos: (1) mitos sobre a criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*), (2) sobre a criação a partir do caos ou de um ovo cósmico, (3) sobre a criação a partir de dois princípios parentais, (4) sobre a criação pensada como um fenómeno emergente e (5) mitos em que a criação deriva de um mergulho por parte de um ser, geralmente humano, nalguma realidade abissal. Propomos, antes, uma tipologia distinta: (1) criação a partir do nada; (2) criação a partir de uma matéria primordial (*creatio ex materia*). Tratase de uma estrutura não só mais simples, mas, sobretudo mais racional.

II

(1) A ideia de uma criação a partir do nada – provavelmente o modelo mais conhecido no Ocidente – deve ser vista com algum cuidado. Existem, a meu ver, dois equívocos, o primeiro que ele é o modelo bíblico mais comum e o segundo que traduz a ideia de uma irrupção espontânea da realidade a partir do nada. Não é esse o modelo que está presente no livro do *Génese*, e embora seja inegavelmente o modelo teológico dominante das chamadas religiões monoteístas ou abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islão),

3 Edward P. Tryon. “Is the Universe a Vacuum Fluctuation?”, in *Nature*, 246 (1973), 396–397.

4 Charles H. Long. *Alpha. The Myths of Creation*. New York: George Braziller, 1963.

nada autoriza essa leitura. A primeira afirmação de uma “criação a partir do nada” surge, sim, no segundo livro dos *Macabeus*, livro habitualmente consignado como deuterocanônico: “Filho, olha o céu e a terra e tudo o que está neles. E considera que Deus os fez a partir do nada” (7:28). Em segundo lugar, nunca devemos esquecer o princípio sapiencial formulado por um personagem de Shakespeare, o Rei Lear, que, a dado momento, nos diz: “do nada, nada pode surgir”⁵. Se quisermos tratase da formulação literária do princípio filosófico “do nada, nada se faz” (*ex nihilo nihil fit*). Seria, com efeito, contraditório em termos lógicos que do puro nada algo surgisse, de tal modo que é a própria percepção dessa impossibilidade que justifica alguns dos argumentos filosóficos sobre a existência de Deus⁶. Se do nada, nada pode provir, então teremos que admitir como racional a ideia de um ser necessário e primordial sem o qual o contingente e o possível seriam inexplicáveis.

São vários os mitos que expressam a ideia de uma criação a partir do nada que, em termos rigorosos, significa a ideia de que o princípio criador não precisa de mais nada além do seu próprio querer (consciente ou inconsciente, pouco importa) no acto de criação – ou de outro modo, que a criação não é uma ordenação de algo préexistente (a *creatio ex materia*). O modo como o princípio criador promove a irrupção de algo distinto de si pode ser pensado sob múltiplas formas que podem ir desde o acto de cuspir o mundo até a palavra criadora.

A título de exemplo, em certos mitos egípcios, *Khepri*, o deus escaravelho, cospe um princípio, distinto dele, chamado *Shu* que, em termos simples, representa o calor e a luz. É ele, *Shu*, que separa a Terra do Céu, na chamada teologia de Heliópolis. No entanto, a grande maioria dos mitos egípcios antigos supõe uma matéria primordial – habitualmente um abismo aquático – sobre o qual o princípio criador vagueia.

Por sua vez, encontramos a ideia da palavra criadora, do verbo, no prólogo do *Evangelho de São João*, quando nos é dito que no princípio, o verbo (*Logos*) estava com Deus, sendo acrescentado com alguma ambiguidade, certamente intencional, de que o verbo era Deus. “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo.” Segundo Frederico

5 “Nothing will come of nothing” (Shakespeare. *King Lear* [1.1.92]. London: Wordsworth Classics. 1994).

6 Cf. Kant. *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseyns Gottes*. In *Vorkritische Schriften bis 1768, Werke I*. Hrsg. Wilhelm Weischedel. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983. Na *Crítica da Razão Pura* (KrV B 641), Kant mostrará que o conceito de “ser necessário” é, no entanto, contraditório para a razão humana.

Lourenço, a expressão “estava com Deus” (*prós tôn Theón*) pode ter dois sentidos, ou designa “com Deus”, “na presença de”, ou expressa a ideia de “relativo a Deus”⁷.

Um dos mitos mais radicais da *creatio ex nihilo* encontrase numa comunidade bem distinta da cultura bíblica, numa etnia milenar dos Maori da Nova Zelândia. Segundo esse mito, o princípio criador, designado como *Io* (ou *Iomatuatékora*, literalmente, *Io* sem parentesco), é possuidor de vários atributos: eterno, superior aos outros deuses, criador de todas as coisas, sem qualquer parentesco anterior, totalmente invisível por tudo o que é criado, embora ele seja panóptico no sentido de que não há nada que ele não veja. Como sublinha Charles Long, o carácter autónomo deste princípio criador surge de si mesmo, “do vazio ou mesmo do nada”⁸. Tratase de uma visão pagã, e não monoteísta, na medida em que este princípio criador irrompe espontaneamente a partir do próprio nada.

III

(2) A ideia de que a criação implica uma matéria primordial, seja ela pensada como um princípio indiferenciado ou caótico, como a matéria do próprio princípio criador (em termos mitológicos expresso na ideia de “morte de Deus”, criação a partir do ser de Deus), como um ovo cósmico do qual se constituem dois princípios, activo e receptivo (como o “*taijitu*” chinês da conjugação do *yang* e do *yin*), como um combate ou luta primordial, entre outros modelos, é sem dúvida o tema mitológico mais comum no domínio da cosmogonia.

Vejamos um dos exemplos mais famosos, inscrito na poesia daquela que é considerada por muitos como sendo a primeira civilização, a civilização da Mesopotâmia. Refirome naturalmente à grande epopeia da criação que traduz a visão do mundo dos sumérios que a cidade da Babilónia consagrará. Estamos perante um dos momentos altos da literatura humana onde melhor se pode surpreender a concepção do mundo e da vida perfilhada pelos povos que habitaram a zona do chamado Crescente fértil.

7 Frederico Lourenço (ed.). *Bíblia*. Vol. 1. *Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos*. Lisboa: Quetzal. 2016, 321.

8 “The deity exists in the void in himself and by himself; the autonomous and selfcreated nature of the deity appears *out of the void or out of nothingness*.” (Long 1987: 95).

Ouçamos, pois, este poema da criação⁹, habitualmente designado pelas suas duas palavras em acádico, *Enuma elish*, «Quando no Alto...» [«Sete tábuas da criação»], cuja escrita remonta provavelmente ao segundo milénio aC. Apesar de visar uma intenção ideológicopolítica clara, ao traduzir a supremacia da Babilónia sobre as outras cidades-estado da região, revelam-se neste poema os traços fundamentais da concepção do mundo vigente desde os Sumérios.

Énos dito: “Quando no Alto o céu ainda não tinha sido nomeado e a terra firme em baixo não tinha sido chamada pelo nome, nada existia senão o primordial *Apsu*, seu progenitor, e a Mãe *Tiamat*, geradora de todos eles, suas águas misturando-se como um só corpo”. Estamos, assim, em face de dois deuses primordiais, *Apsu* e *Tiamat*, ambos identificados com o elemento líquido, sendo o primeiro a expressão da divinização das águas doces e subterrâneas, enquanto a segunda divindade, a deusa *Tiamat*, traduz antes a imensidão dos mares e a salinidade das águas. Conta-nos o mito que este pai e mãe primordiais, casal divino por excelência, gerará quatro gerações de deuses que se tornarão extremamente ruidosos perturbando o seu sossego e calma. Se a deusa *Tiamat* se mostra indulgente com os seus filhos, o mesmo não acontece com o deus-pai *Apsu* que manifesta abertamente a sua cólera: “De dia não consigo descansar, de noite não consigo dormir. Eu abolirei os seus caminhos e os dispersarei! Que a paz prevaleça para que nós possamos dormir.” A deusa indigna-se mas *Apsu* está decidido a preservar a calma e a tranquilidade das origens. Só que uma das divindades, de nome *Ea*, “aquele que tudo sabe”, também conhecido entre os Sumérios pelo nome de *Enki*, descobre as intenções de *Apsu*. Depois de proteger os deuses num círculo mágico, adormece e mata o pai divino, apoderando-se dos seus domínios.

O deus *Ea*, que personifica as águas doces dos lagos e dos rios, ocupa um lugar privilegiado no panteão mesopotâmico, graças ao seu saber, engenho e papel prometeico de protector da humanidade. Vivia com a sua esposa, *Damkina*, bem no centro das águas, na casa dos destinos. Da sua deusa consorte, *Ea* terá um filho, de nome *Marduk*, perfeito em todos os aspectos, “o mais honrado dos grandes deuses”, o que tem a autoridade do Céu, com quatro olhos para tudo ver e quatro orelhas para tudo escutar. Entretanto, alguns deuses ressentidos com o poder crescente de *Ea* e de seu filho, apelaram à vingança de sua mãe *Tiamat* que se decide sair da letargia

9 L.W. King (ed.) *The Seven Tablets of Creation, or the Babylonian and Assyrian Legends concerning the Creation of the World and of Mankind* [Enuma Elish]. 2 vols. Escondido (CA)/London: The Book Tree/Luzac and Co, 1999.

a que se tinha entregue, pois, apesar de enfraquecida, ela ainda detinha a tábua onde estavam escritos os destinos. Cria, então, como suas armas, enormes serpentes marinhas plenas de veneno nas suas presas gigantescas. *Ea*, ao ver aquele exército, fica sem fala mas ainda tem forças para perguntar se o destino está fixado. A esta questão, o herói por excelência, *Marduk*, responde oferecendo-se para combater *Tiamat*, na condição de se tornar o maior de todos os deuses. Pleno de confiança, *Marduk* lança-se ao encontro de *Tiamat*, conseguindo envolver a deusa na sua rede. Corta-a, em seguida, em dois pedaços, de modo a transformar uma das partes na cobertura dos céus e a outra, na terra que manterá as águas subterrâneas para sempre ocultas. O poema descreve, em seguida, a forma como *Marduk* organizou o mundo, estabelecendo calendários, fazendo surgir a Lua como a luz da noite que marca os dias. Edifica a cidade da Babilónia, literalmente “a porta dos deuses”, para que estes possam ter sempre um local de descanso na Terra. Do sangue dos seus inimigos, *Marduk*, em colaboração com o seu pai, cria os seres humanos, permitindo aos deuses dias tranquilos na medida em que os humanos trabalharão para eles. “Quando *Marduk* ouve as palavras dos deuses, o seu coração leva-o a fabricar belas coisas. Abrindo a boca, dirige-se a *Enki* para lhe comunicar o plano que concebera em seu coração: «sangue quero amassar e fazer com que existam ossos. Criarei um selvagem, homem será seu nome. Será encarregado do serviço dos deuses, para que estes estejam em paz.” O poema termina com a glorificação de *Marduk* como rei dos deuses, enunciando os seus cinquenta atributos divinos.

A grande epopeia babilónica é um poema claramente mítico, na dupla acepção da palavra, visto que ele se apresenta simultaneamente como uma *narrativa das origens* e uma *narrativa instauradora* que legitima o triunfo da ordem sobre o caos. Com efeito, *Tiamat*, a mãe de todos os seres, simboliza o caos indiferenciado, matriz primordial donde tudo emerge, enquanto *Marduk* personifica o princípio masculino da ordem e do poder. As hipóteses interpretativas deste combate mitológico são múltiplas, sendo possível apreender seja uma leitura de sabor gnóstico, segundo a qual a criação está manchada por um crime primordial que marca, com o seu sangue, a geração do ser humano, seja a certeza de que todos os começos, mesmo os divinos, devem ser superados e transcendidos. Mais do que uma alegoria naturalista, o mito deve ser perspectivado, como uma cosmogonia, na qual se pode surpreender a passagem da tranquilidade que antecede a criação, tranquilidade incarnada pelo casal divino das águas abissais, a um combate violento entre a indiferenciação caótica, plena de energia e de força, simbolizada por *Tiamat*, e a organização do mundo, alcançada através da

fragmentação do corpo da deusa mãe, pelo herói divino, *Marduk*.

A força desta metáfora da água como “matéria primordial” é comum a várias mitologias da criação. Está inegavelmente presente na primeira versão bíblica da criação do mundo, narrada na Bíblia. “Ora, a terra estava sem forma e vazia (*tohubohu*), as trevas cobriam o abismo (*tehôm*), e um vento de Deus pairava sobre as águas. [...] Deus disse: «Que haja uma vastidão do céu no meio das águas que separe as águas das águas.» (*Gn* 1, 2;6). A própria ideia de um combate divino com um monstro aquático percorre os textos bíblicos, não suscitando grandes dúvidas que o famoso *Leviatã*, descrito nos *Salmos* como um ser terrível de várias cabeças, é uma tradução imagética de *Tiamat* (*Salmos* 74, 13-15) “Tu dividiste o Mar com o teu poder, quebraste as cabeças dos monstros de água, esmagaste as cabeças de *Leviatã* [...] Tu abriste fontes e torrentes, tu fizeste secar rios inesgotáveis”. Mas não só. Como salienta Samuel Henry Hooke, no *Génesis*, “a palavra hebraica usada para caos das águas, o ‘abismo’ é *tehôm*, uma palavra geralmente aceite como uma variante hebraica do nome *Tiamat*”¹⁰. Com efeito, *Tehôm* é um nome próprio e sempre adjectivado no feminino.

Contudo, não é só a nossa familiar cosmogonia bíblica que expressa a mesma imagem criadora. Com toda a probabilidade, a visão cosmogónica mesopotâmica, atrás analisada, influenciou as múltiplas cosmogonias rivais do Egipto Antigo, entre as quais sobressai a da cidade de Heliópolis, na qual se narra a criação do mundo pelo “senhor dos limites do céu” (*Atum*) a partir do oceano informe do ser primordial designado como *Nu/Nun*. Nas suas águas abissais estão contidos os germes de tudo o que será gerado, de tal modo que o próprio demiurgo solar, *Atum*, flutuava no oceano informe de *Nun*.

Os exemplos deste arquétipo bem sucedido poder-se-iam multiplicar desde o belo e profundo «Hino da Criação» da cultura védica – “a escuridão era escondida pela escuridão no início; sem qualquer traço distintivo, tudo isto era água. A força vital que foi coberta pelo vazio, essa ergueuse pelo poder do calor”¹¹ até à visão dos Astecas do confronto criador entre o grande deus *Tezcatlipoca* – o primeiro dos deuses a incarnar o Sol – e um monstro feminino, com a forma de um crocodilo, que emerge das águas primordiais. O mesmo se diga da mitologia dos povos nórdicos. Segundo o mito, no princípio existiam dois espaços, um deles a Sul, composto de fogo

10 S.H. Hooke. *Middle Eastern Mythology*, London et al.: Penguin, 1991, 119.

11 “*Nasadiya*, Hino da Criação”. Trad. de Manuel João Magalhães. In *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2001, 102.

e de luz, e o outro a Norte, de gelo e de trevas. O primeiro era conhecido por *Muspellheim* e o segundo por *Niflheim*. Estes dois espaços entrecruzam-se num espaço vazio (*Ginnungagap*). Do contacto entre o fogo e o gelo formouse humidade e da mesma irrompeu um temível gigante gelado de nome *Ymir* e um animal, uma vaca (*Auohumla*), que o alimentava. Esta última, ao beber gotas salgadas de água, deu origem a três deuses, entre os quais se destaca *Odin* – também conhecido na mitologia germânica por *Wotan*. As três divindades mataram *Ymir* e do seu corpo, colocado bem no centro do abismo, formaram o universo. Os seus ossos tornaram-se em montanhas, os seus dentes, em pedras, o seu sangue, em rios e os mares, o seu crânio, nos céus, as suas sobrancelhas, na Terra onde habitarão mais tarde os filhos dos homens¹². Outros exemplos poderiam ser dados como o hino de *Purusha* ou do Ser Humano Primordial, na Índia – o mundo surge de um sacrifício de um ser gigantesco – ou então o mito chinês de *Pangu*. Este ser gigante vivia num ovo que um dia se parte dando origem ao céu e à terra. O esforço desta separação é tão grande que o gigante morre. E com a sua morte, iniciase a segunda fase da criação. Segundo o mito, o seu corpo desmembrase e, cada uma das partes, transfigurase numa das dimensões do mundo: a sua respiração transmutase em nuvens e vento; os seus olhos, no Sol e na Lua; a sua voz, no trovão, moscas e parasitas que cobriam o corpo transformam-se em seres humanos¹³.

Estamos, assim, em face de um símbolo arquetípico do imaginário humano, enquanto «imagem psíquica» que transcende a vontade e a consciência dos indivíduos. Como nos diz, de uma forma incisiva, o romancista alemão Thomas Mann, na *Montanha Mágica*: “não se sonha unicamente com a nossa própria alma”¹⁴.

Longe de ser uma visão ingénuo da criação, esta cosmogonia pagã está presente no pensamento filosófico e teológico mais estrito do Ocidente. Assim, desde a ideia platónica de uma matéria indeterminada e primordial (*khôra*) que resiste e dá corpo ao mundo (*Timeu* 48e 4), passando pela concepção de Schelling¹⁵, no escrito da liberdade de 1809, sustenta a ideia

12 “A Criação dos Mundos (*Gilfaginning*)”. Trad. de Manuel João Ramos. In *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2001, 2426.

13 “Pangu”. Trad. de Manuel João Magalhães. In *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2001, 23.

14 “Man träumt nicht nur aus eigener Seele” (Thomas Mann. *Der Zauberberg*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag. 1967, 521).

15 Schelling. *Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit*. [Freiheitsschrift]. *Sämtliche Werke*. Stuttgart, ed. Cotta, 1860, VII 331416.

de um fundamento abissal (*Abgrund*), indeterminado e caótico em todo o existente, até à visão surpreendente do filósofo e teólogo francês Alain Houziaux¹⁶.

A hipótese de Houziaux consiste em mostrar-nos que a única forma coerente de explicar o acto de criação e a existência do mal no mundo implica a admissão de uma “matéria primordial” eterna e distinta de Deus, cuja existência é enunciada explicitamente nos versículos iniciais do *Génesis*. Houziaux sugere, então, uma nova concepção de Deus e da criação, concepção que é, a nosso ver, um exemplo privilegiado da permanência da visão pagã do mundo no que ela tem de mais interessante. Diz-nos Houziaux: “Deus, tal um oleiro, cria o mundo a partir de uma matéria primeira, de uma argila que lhe resiste e continua a semear a perturbação no mundo [...] Pela sua potência própria ela perturba o pôr em obra do projecto do oleiro.”¹⁷ Para evitar o risco sério de retomar visões dualistas, Houziaux estabelece a seguinte distinção: “Este mundo primordial não é um segundo Deus contrário ao Deus criador (não há traço de dualismo ou de maniqueísmo no texto bíblico). Ele é o órgão-obstáculo do trabalho criador de Deus”¹⁸. Tal não significa que esta matéria-prima, este “caos primordial” referido em *Génesis* 1, 2 tenha sido criado por Deus. “Este caos primitivo é apresentado na Bíblia seja como uma terra informe, desértica e ingrata, seja como um «oceano primordial»”¹⁹. Não se justifica, neste contexto, discutir a coerência, para muitos suspeita, desta ideia fascinante de um Deus que se vê a braços com uma matéria primordial obscura, esse enigmático caos primordial das águas abissais do *Génesis*. Queremos apenas reter como segundo modelo cosmogónico a concepção da criação como ordenação de uma natureza informe e indiferenciada e que surpreendentemente se encontra na raiz da tradição bíblica da cultura ocidental.

Como nota final, citaria uma passagem de um hino védico já referido a propósito das águas abissais. No final, énos dito: «Quem o sabe realmente?», «De onde foi produzido?». A resposta a estas duas questões é belíssima, «aquele que o olha para baixo, no mais alto céu, só ele o sabe – ou talvez não»²⁰.

16 Alain Houziaux. *Le Tohu-bohu, le Serpent et le bon Dieu*. Paris : Presses de la Renaissance, 1997; *La Religion, les Maux, les Vices*. Paris : Presses de la Renaissance, 1998.

17 Alain Houziaux. *La Religion, les Maux, les Vices*. Paris : Presses de la Renaissance, 1998, 36.

18 *Ibidem*.

19 *Ibidem*, 40.

20 *Rosa do Mundo*, 102.

Referências Bibliográficas

- AAVV. 2001. *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Eliade, M. (ed.). 1987. *The Encyclopedia of Religion*. 16 vols. New York: Macmillan.
- Hooke, S.H. 1991. *Middle Eastern Mythology*, London et al.: Penguin.
- Houziaux, Alain. 1997. *Le Tohu-bohu, le Serpent et le bon Dieu*. Paris: Presses de la Renaissance.
- Houziaux, Alain. 1998. *La Religion, les Maux, les Vices*. Paris: Presses de la Renaissance.
- Hoyle, Fred. 1948. “A New Model for the Expanding Universe”. *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, 108, 372382.
- Kant. 1983. *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseyns Gottes*. In *Vorkritische Schriften bis 1768, Werke I*. Hrsg. Wilhelm Weischedel. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.
- King, L.W. (ed.) 1999. *The Seven Tablets of Creation, or the Babylonian and Assyrian Legends concerning the Creation of the World and of Mankind [Enuma Elish]*. 2 vols, Escondido (CA)/Londres: The Book Tree/Luzac and Co.
- Leeming, D.A./Leeming, M.A. 1994. *A Dictionary of Creation Myths*. New York/Oxford: OUP.
- Long, Charles H. 1963. *Alpha. The Myths of Creation*. New York: George Braziller.
- Long, Charles H. 1987. “Cosmogony”. In *The Encyclopedia of Religion*. Ed. Mircea Eliade. *The Encyclopedia of Religion*. Vol. IV, 94100.
- Lourenço, Frederico (ed.). 2016. *Bíblia*. Vol. 1. *Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos*. Lisboa: Quetzal.
- Mann, Thomas. 1967. *Der Zauberberg*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag.
- Schelling. 1860. *Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit*. [Freiheitsschrift/1809]. *Sämtliche Werke*. Stuttgart, ed. Cotta, VII 331416.
- Shakespeare. 1994. *King Lear*. London: Wordsworth Classics.
- Tryon, Edward P. “Is the Universe a Vacuum Fluctuation?”, in *Nature*, 246 (1973), 396–397.

ABSTRACT

This paper analyses which are the great cultural cosmogonic models of creation in mythology; so it will be an essay of comparative mythology about the origin of the world, a study marked by the concern to detect philosophical principles that guide this area of thought.

Keywords: cosmogony – mythology – creation – *creatio ex nihilo* – *creatio ex materia*

RESUMO

Este artigo analisa quais são os grandes modelos culturais cosmogônicos da criação em mitologia. Por isso, será um ensaio de mitologia comparativa acerca da origem do mundo, um estudo marcado pela preocupação em detectar princípios filosóficos que norteiem esta área do pensamento.

Palavras-chave: cosmogonia – mitologia – criação – *creatio ex nihilo* – *creatio ex materia*.